Luiz Eduardo Oliveira
Portugal e Inglaterra: entre 'o bem e o mal'



Iluminura **Casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre**

Um estudo da história das relações entre Portugal e Inglaterra, ao longo de mais de 600 anos, analisa os momentos de "tensão, ambiguidade e oscilação das representações de anglofobia e anglofilia" entre os dois países. Aqui ouvimos o seu autor

Carolina Freitas

Da dimensão político-diplomática às relações dinásticas entre os dois países que se dizem "os mais velhos aliados", passando pelas manifestações culturais, são o objeto deste *O Mito de Inglaterra – Anglofilia e Anglofobia em Portugal (1386-1986)*. Com o intuito de "estabelecer coordenadas históricas e teórico-metodológicas para se pensar o mito da Inglaterra em Portugal", o livro resulta de uma investigação de Luiz Eduardo Oliveira, prof. da Univ. Federal de Sergipe (Brasil), com orientação de José Eduardo Franco, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que assina o prefácio da edição.

Jornal de Letras: Como surge o interesse pela relação histórica entre Portugal e Inglaterra?
Luiz Eduardo Oliveira: A minha aproximação a Inglaterra dá-se na adolescência, a partir da minha admiração pelo rock inglês. Mais tarde, na Universidade, isso reflete-se na opção pelo curso de Letras Português-Inglês. Tornei-me professor de Literatura Inglesa na Universidade Federal de Sergipe, que continuo a ser. A minha dissertação de mestrado e tese de doutoramento versam sobre a receção da literatura inglesa e a instituição do ensino de língua inglesa no Brasil. Por isso, quando vivi em Lisboa, de março de 2011 a março de 2012, interessei-me pela receção da cultura inglesa em Portugal.

É nessa altura que começa a dedicar-se ao 'mito de Inglaterra' na História de Portugal?
Sim. A ideia de escrever sobre esse tema foi-me sugerida por José Eduardo Franco (JEF), quando desenvolvi um estágio pós-doutoral no CLEPUL, na Faculdade de Letras de Lisboa, sob a sua supervisão. Dei assim continuidade a uma série de obras que o CLEPUL tem publicado sob essa perspetiva, como *O Mito de Portugal* e *O Mito dos Jesuítas*, do próprio JEF, e *O Mito do Marquês de Pombal*, também organizado por ele e por Annabela Rita.

Porquê essa ideia de 'mito'? Portugal tem uma visão 'efabulada' de Inglaterra e da sua relação com este país?
Como observo na introdução do livro, quando justifico a opção teórica de trabalhar com a categoria 'mito', alinho-me com a posição de Mircea Eliade sobre a matéria. Para ele a definição menos imperfeita do mito é a de que conta uma história sagrada, com acontecimentos num tempo primordial. Assim, os mitos narram os feitos de seres sobrenaturais, de que resultaram os começos seja do Cosmos, seja de um lugar terreno específico, seja ainda de alguma instituição ou comportamento humano. Nesse sentido, os mitos são sempre "mitos de origem", pois relatam o modo como as coisas passaram a existir, funcionando como modelos exemplares das atividades humanas mais significativas. Nesse sentido, procuro mostrar que o mito da Inglaterra em Portugal se inscreve no próprio mito de origem do reino lusitano, uma vez que remonta à época da chamada fundação da nacionalidade.

O que o levou a escolher os seis séculos, entre 1386 e 1986?
Dividi o livro em três partes. A primeira, que vai de 1386 a 1640, trata dos precedentes e da consolidação da aliança inglesa, buscando identificar e analisar as suas implicações político-culturais e como são representados os aliados até ao momento da União Ibérica. A segunda, de 1640 a 1890, concentra-se na renovação da Aliança, quando, com a restauração da autonomia do reino português, a legitimidade da monarquia portuguesa – representada pela Casa de Bragança – voltou a depender da aliança com os ingleses. E dessa vez firmada com explícitas vantagens comerciais e económicas para a Inglaterra, sobretudo depois do Tratado de Paz e Aliança imposto por Oliver Cromwell, o "Protetor da Inglaterra", em 1654, e do controvertido Tratado de Methuen, de 1703. Esta parte trata ainda da conturbada década de 1820, marcada pelas manifestações liberais das Cortes reunidas em Lisboa, pela perda do Brasil e pelos planos de reviver o período áureo do império português, representados pelo chamado 'mapa cor-de-rosa', que lastreava a sua pretensão de uma faixa de território que ia de Angola a Moçambique.

Uma pretensão que o Ultimato inglês, de 1890, veio, de resto, deitar por terra.
Precisamente. O que fez com que a Casa de Bragança fosse muito atacada pelos intelectuais republicanos, que consideraram o episódio uma catástrofe nacional. Quanto à terceira e última parte, de 1890 a 1986, procura verificar até que ponto o mito da Inglaterra se manteve performativo e atuante no século XX.

E manteve-se?
Perdeu a sua relevância político-económica, mesmo tendo sobrevivido à República, e estendendo-se até à inserção de Portugal na CEE, em 1986. A sua entrada representa também a neutralização do conteúdo político-económico da aliança luso-britânica e, consequentemente, o seu fim, dada a multilateralidade das relações diplomáticas dos países membros, incompatível com qualquer tratado que privilegie somente uma parte das nações.

Como vê essa relação hoje?
A sua dimensão cultural mantém-se ativa, seja positivamente, como no caso da anglofilia literária d e muitos escritores, jornalistas, etc., para não falar do cinema e do rock, seja negativamente, como no caso da anglofobia política e dos movimentos anti-imperialistas. De qualquer forma, nos dois casos o mito da Inglaterra já não tem o poder que tinha de afetar a vida e o imaginário dos portugueses.

Olhando para a área da literatura, em particular, fomos mais anglófilos ou anglófobos?
O processo de mitificação da Inglaterra configura-se literariamente depois do Tratado de Windsor, celebrado em 1386, que prepara as negociações do casamento entre D. João I, Mestre de Avis, e D. Filipa de Lencastre. A união das duas casas dinásticas suscitou uma série de representações da rainha e da sua origem inglesa, bem como de um momento de influência da Inglaterra em Portugal na arte da guerra, na organização militar, nas letras e nos costumes. Já para não falar que o casal de monarcas dá origem à chamada 'ínclita geração', responsável pelo início da expansão colonial portuguesa. No entanto, o mito da Inglaterra, em Portugal, não é somente um mito de origem.



Luiz Eduardo Oliveira

> **O mito da Inglaterra, em Portugal, não é somente um mito de origem. É também um mito de fim e renovação**

Em que sentido?
É também um mito de fim e renovação. É desse modo que, aos mitos positivos, como, no caso da história de Portugal, o da sua eleição por Deus, na Batalha de Ourique, correspondem os mitos negativos de feição 'anti', fomentados e utilizados com vista à instrumentalização coletiva, seja para preservar a sua autonomia e garantir a sua regeneração, seja para promover a sua renovação ou progresso. Nesse sentido, podemos identificar uma dupla funcionalidade: se, por um lado, se inscreve nas origens do reino ou nos momentos de refundação da nação, configura-se discursivamente em termos positivos, o que faz com que as narrativas de Portugal que o levam em conta sejam caracterizadas por um movimento de anglofilia. Se, por outro lado, se inscreve nos mitos apocalípticos, em períodos de crise e decadência financeira, política e militar, emerge como um Outro demonizado, tal como um Anticristo. Nesses casos, trata-se de um movimento de anglofobia. Estamos, pois, perante um movimento ambivalente que oscila entre dois pólos e tende para um ou outro consoante as circunstâncias.

Qual o principal contributo do livro para o tema, já muito estudado, da aliança luso-britânica?
Embora seja relativamente vasta, em Portugal, a bibliografia referente a esse tema, bem como à receção e influência da literatura inglesa em autores portugueses, ainda não tinha um estudo que procurasse analisar as relações político-diplomáticas e das apropriações e diálogos culturais e literários entre Portugal e Inglaterra ao longo de 600 anos de História. Este livro não pretende ser definitivo e muito menos esgotar o assunto. Constitui-se, antes, como uma síntese interpretativa do que se tem escrito e discutido sobre o tema em vários campos disciplinares. Talvez o seu principal contributo seja estabelecer coordenadas históricas e teórico-metodológicas para se pensar o mito da Inglaterra em Portugal. JL



> *Luiz Eduardo Oliveira*
> *O MITO DE INGLATERRA – ANGLOFILIA E ANGLOFOBIA EM PORTUGAL (1386-1986)*
> *Gradiva, 464 pp, 25 euros*